



O estudo das trajetórias de atores e atrizes ainda é uma lacuna historiográfica? Apontamentos, possibilidades e contribuições

Ana Carolina Machado

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde desenvolve pesquisa financiada pela CAPES. Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduada em licenciatura em História pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). É integrante do Laboratório de História Pública e Patrimônio Cultural (LABHPAC/UDESC) e atua como colaboradora na equipe de Apoio Editorial da Revista Tempo e Argumento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da Udesc.

 <https://orcid.org/0000-0002-2125-3387>

 <https://doi.org/10.28998/rchv14n28.2023.0014>

Recebido em 14/10/2023

Aprovado em 22/11/2023



O estudo das trajetórias de atores e atrizes ainda é uma lacuna historiográfica? Apontamentos, possibilidades e contribuições

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre a incipiência de estudos de dimensão biográfica referentes às trajetórias artísticas na historiografia brasileira, especialmente de atores e atrizes. Para isso, em um primeiro momento, apresento um mapeamento de pesquisas biográficas realizadas por historiadores nos últimos anos, a partir de um exercício de estado da arte/revisão bibliográfica de uma parcela dessa produção. Na sequência, referencio alguns dos poucos estudos de fôlego que, na História, investigaram percursos de atores e atrizes, e problematizo a lacuna que ainda existe em relação a esse tipo de abordagem. Em uma terceira parte, aponto algumas possibilidades e caminhos a serem desbravados por historiadores que, porventura, se interessem em estudar tais itinerários. Por fim, comento sobre as questões que tenho estudado em minha tese de doutorado – um trabalho em desenvolvimento que trata da trajetória artística de Fernanda Montenegro, e cujo objetivo é compreender o projeto autobiográfico empreendido pela atriz ao longo do tempo. Ao preocupar-se com a produção da memória artística, o trabalho se insere junto aos estudos biográficos e à história do tempo presente, operando nesta lacuna e contribuindo para uma ampliação de pesquisas sobre trajetórias artísticas no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: estudos biográficos; trajetórias artísticas; Fernanda Montenegro.

Is the study of actors' and actresses' trajectories still a historiographical gap? Notes, possibilities and contributions

ABSTRACT

The objective of this article is to reflect on the incipience of biographical studies regarding artistic trajectories in Brazilian historiography, especially of actors and actresses. To do this, firstly, I present a mapping of biographical research carried out by historians in recent years, based on a state-of-the-art exercise/bibliographical review of a portion of this production. Next, I reference some of the few major studies that, in History, investigated the trajectories of actors and actresses, and discuss the gap that still exists in relation to this type of approach. In a third part, I point out some possibilities and paths to be explored by historians who, perhaps, are interested in studying such itineraries. Finally, I comment on the issues that I have studied in my doctoral thesis, a work in progress that deals with the artistic trajectory of Fernanda Montenegro, and whose objective is to understand the autobiographical project undertaken by the actress over time. By being concerned with the production of artistic memory, the work is inserted alongside biographical studies and the history of the present time, operating in this gap and contributing to an expansion of research on artistic trajectories in Brazil.

KEYWORDS: biographical studies; artistic trajectories; Fernanda Montenegro.

Na História, algumas reflexões como essa que ora venho propor, cuja finalidade está não em trazer respostas concretas, mas em levantar determinadas questões, trazê-las ao debate e indicar possíveis caminhos, iniciam com algumas constatações. A propósito, o impulso para a escrita deste texto veio, também, da leitura de uma dessas reflexões feita pelo historiador Ricardo Santhiago que, ao problematizar as (des)conexões entre história oral e as artes há uma década, apontou o seguinte diagnóstico: “o mundo das artes não está entre os assuntos recorrentes da história oral feita no Brasil” (SANTHIAGO, 2013, p. 155). A conclusão do historiador naquele momento, de que, no Brasil, o multifacetado mundo das artes ainda ocupava as bordas do campo da história oral, serviu como indicativa de uma lacuna historiográfica que nos últimos anos começou aos poucos a ser preenchida. Conforme esclareceu Santhiago (2013), ao identificar esse hiato, sua intenção não foi sugerir o surgimento de um novo campo, mas demarcar uma ausência, e, ao questioná-la, apontar uma relação que, a seu ver, apesar de pouco explorada, se mostrava necessária e promissora. Sua reflexão apostou nos ganhos e nas possibilidades abertas para a abordagem das artes, na medida em que a história oral, como campo, olhasse com mais atenção para suas múltiplas faces e expressões (SANTHIAGO, 2013). Creio que é justamente com a função de estimular interesses e práticas de pesquisa ainda incipientes, e/ou praticamente inexistentes, que as reflexões dessa natureza operam. É nesse sentido, também, que este texto segue.

Para tanto, parto, de igual modo, de uma conclusão: os estudos de trajetórias de atores e atrizes ocupam uma parcela muito insignificante, em termos quantitativos, dos estudos biográficos que compõem a historiografia brasileira. Por isso, é possível dizer que ainda há uma certa lacuna historiográfica. Se não se pode afirmar a inexistência de trabalhos historiográficos nessa direção, os pouquíssimos que tomaram trajetórias de atores e atrizes como objeto de estudo, propondo pesquisas biográficas, revelam não apenas um interesse ainda pequeno dos historiadores para com a abordagem dessas trajetórias, mas constituem bons exemplos de um campo aberto e a ser explorado pelos profissionais da História. Cabe dizer, entretanto, que esta lacuna deriva de uma incipiência ainda maior.

Mediante consulta e análise de algumas das principais coletâneas e dossiês temáticos sobre biografias e trajetórias publicados em periódicos da área, bem como da produção de um número considerável de teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em História nos últimos anos, foi possível perceber que

as trajetórias e biografias artísticas, de modo geral, ainda permanecem nas franjas desta historiografia, cujo foco parece se concentrar em três grandes eixos: 1) estudos de trajetórias intelectuais; 2) estudos de figuras políticas (especialmente dos grandes nomes masculinos); 3) estudos de trajetórias de pessoas comuns (militantes, mulheres, trabalhadores etc).¹ É certo que este levantamento, que será apresentado de forma pormenorizada adiante, não contempla, e nem poderia, toda a produção da área. Contudo, ainda assim, creio que o texto oferece um considerável panorama sobre a questão. Vale enfatizar que o mapeamento se deteve, especialmente, à historiografia propriamente dita, e que parte de um recorte nacional.

Depois de longa data negligenciadas, as abordagens biográficas passaram a figurar entre as principais tendências historiográficas nas últimas décadas (AVELAR, SCHMIDT, 2018). Alguns historiadores consideram que vivemos em um tempo do *boom* biográfico, no qual a biografia histórica definitivamente “entrou na moda”, por ser considerada uma forma legítima de acesso ao passado através da vida de um determinado sujeito (AVELAR, SCHMIDT, 2018). Todavia, ao que parece, no Brasil, alguns tipos de biografia histórica têm sustentado mais o campo em detrimento de outras. E vale reconhecer que se nos últimos anos tem sido realizado um esforço de incorporar o mundo das artes e as trajetórias artísticas na História, isso se deve, em grande medida, aos historiadores/as praticantes da história oral.²

¹ Um mapeamento mais cuidadoso de trabalhos apresentados em eventos da área seria necessário para iluminar a questão. No entanto, verifiquei que no principal ST sobre a temática, vinculado à Associação Nacional de História (ANPUH), intitulado *Trajetórias e (auto)biografias: modelos, limites, desafios e possibilidades*, nos últimos dois encontros nacionais, pouquíssimos trabalhos sobre atores e atrizes foram submetidos e apresentados, apesar de outras trajetórias artísticas aparecerem consideravelmente nas comunicações. Os trabalhos da penúltima edição, por exemplo, podem ser consultados pelo link: <31º Simpósio Nacional de História - Simpósios Temáticos - ST 146. Trajetórias e (auto)biografias: modelos, limites, desafios e possibilidades. (anpuh.org)>. Acesso: 30 ago. 2023. Em 2021, o ST contou com apenas um trabalho sobre atriz, apresentado por Roger Camacho Barrero Junior, sobre Lélia Abramo. A tese do mesmo autor e outro artigo derivante dessa apresentação também tratam da trajetória da atriz. Sobre isso, ver Barrero Júnior (2021a, 2021b, 2023).

² Sobre isso, ver Santhiago (2016) e o dossiê *História oral e o mundo das artes*, publicado pela Revista de História Oral, que está disponível em: <v. 19 n. 2 (2016): História oral e o mundo das artes | História Oral (historiaoral.org.br)>. Acesso: 23 set. 2023. Nele, há dois artigos, um de autoria de Natália Batista (2017), e outro de Daniel Martins Valentini (2017), que tratam do teatro brasileiro contemporâneo utilizando relatos/entrevistas de atores e atrizes. A relação entre a história oral e as artes também tem sido mobilizada pela história pública. O projeto *A música de*, por exemplo, tem construído um acervo de depoimentos orais de artistas brasileiros vinculados ao campo musical, tomando suas trajetórias como tema e objeto de estudos. Sobre isso, ver: <Entrevistas – A música de (amusicade.com)>. Acesso: 20 fev, 2023. Deste projeto, foi publicado o livro-depoimento *Claudia: o que não me canso de lembrar*, história oral e pública que trata da trajetória da cantora, e que está disponível em: <Nossa loja – A música de (amusicade.com)>. Acesso: 31 ago. 2023. Ainda sobre essas iniciativas, vale citar o *ST História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade*, vinculado a eventos da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Apesar de a maioria dos trabalhos das últimas edições não tratarem sobre atores e atrizes, vale destacar a comunicação de Batista (2022).

Recentemente, ao apresentarem dossiê temático sobre trajetórias e biografias, Geovanni Gomes Cabral, Benito Bisso Schmidt e Wilton Carlos Lima da Silva (2020, p. 3), apresentaram o seguinte diagnóstico acerca da produção do campo:

De modo geral, verificamos que os principais caminhos trilhados pelos estudos biográficos, levados a cabo por profissionais de História, são a construção de biografias de personagens considerados representativos de um determinado grupo ou processo; a pesquisa sobre indivíduos que, ao contrário de representar, põem em xeque — por sua singularidade — a coerência e a homogeneidade de coletivos e movimentos; a análise de biografias sobre determinadas pessoas que verifica como essas foram construídas e disputadas nas memórias coletivas mais ou menos institucionalizadas.

Ao indicarem as tendências e preocupações dessa produção, os historiadores salientaram que o significativo crescimento de biografias históricas suscita uma série de questionamentos e desafios aos profissionais da História, como, por exemplo, a necessidade de refletir: “em quais âmbitos a investigação biográfica dá sinais de saturação e quais demandam mais investimentos?” (CABRAL, SCHMIDT, SILVA, 2020, p. 3). Movido por essa preocupação, este artigo objetiva contribuir com essa reflexão, partindo do pressuposto de que se houve, nos últimos anos, um esforço positivo por parte dos historiadores de incorporar trajetórias de sujeitos considerados “comuns” nessa historiografia, que precisa ser reconhecido, a predominância de pesquisas sobre relevantes trajetórias intelectuais e políticas não deixa de indicar uma saturação no âmbito dos estudos biográficos realizados pela História. Ao evidenciar essas tendências, defendo o argumento de que elas apontam que há uma demanda por maiores investimentos em trabalhos que versem sobre trajetórias artísticas, especialmente de atores e atrizes.

Apontamentos: identificando tendências, diagnosticando lacunas

Começo pelas coletâneas. A coletânea *Escrita de Si, escrita da História*, organizada pela historiadora Angela de Castro Gomes, publicada em 2004 pela editora FGV, é uma obra cujos textos tratam de diferentes projetos autobiográficos a partir de escritas de si – em sua grande maioria cartas e correspondências. Foram escolhidos como personagens dessas histórias o advogado e político brasileiro Antônio Rebouças,

os intelectuais Oliveira Lima, Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, Monteiro Lobato, Capistrano de Abreu e o geólogo John Casper Branner. Fazem parte dessas narrativas, de igual modo, os políticos João Goulart e Getúlio Vargas, a viscondessa de Arcozelo, e Bernardina, filha de Benjamin Constant e Maria Joaquina. Religiosos e outras mulheres militantes aparecem como personagens dos textos, entretanto, trata-se de um livro em que grande parte dos artigos se atém às trajetórias de “grandes nomes” políticos e intelectuais, em sua maioria homens, não havendo nenhuma abordagem sobre trajetória artística. É preciso, contudo, saber ler a coletânea em seu contexto de produção. Há quase duas décadas, essa foi uma das primeiras obras, no Brasil, a tratar da escrita biográfica na produção do conhecimento histórico e continua sendo importante referência, ainda que siga uma tendência de eleger pessoas consideradas “relevantes”.

Cinco anos mais tarde, Angela de Castro Gomes organizou, junto com o historiador Benito Bisso Schmidt, a coletânea *Memórias e Narrativas autobiográficas*, que foi publicada pelas editoras FVG e da UFRGS, em 2009. Os textos são sustentados pela abordagem dos arquivos privados e tratam de trajetórias específicas de sujeitos que se preocuparam com a construção da imagem de si, ou seja, examinam diferentes projetos autorreferenciais. Apesar de religiosos e outras figuras comuns comporem os textos, novamente, a maioria deles se dedica a notáveis trajetórias políticas e intelectuais nos séculos XIX e XX. Predominam, de igual modo, trajetórias e documentações masculinas, apesar de as trajetórias de mulheres terem sido o foco de alguns textos.

Em 2012 é publicada, pela Editora Letra e Voz, *Grafia de vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*, coletânea organizada por Benito Bisso Schmidt e Alexandre Avelar. Este livro, que é referência obrigatória para historiadores que se aventuram pela biografia como possibilidade de escrita da História, traz em seu bojo discussões de cunho teórico e metodológico, mas, como já sinaliza o título, também é composto por experiências de pesquisa. Aparecem, como personagens dos textos, o cineasta brasileiro Ruy Guerra³, os políticos Francisco de Lima e Silva e Dom Pedro I, os escritores Machado de Assis e Rubem Fonseca, os militantes de esquerda Gregório Bezerra e Flávio Koutzii e, no campo das artes, os dramaturgos/ator Plínio Marcos e João das Neves. Quem estuda os últimos é Kátia Paranhos, historiadora do teatro, que

³ Vale dizer que, de modo geral, tanto cineastas como dramaturgos foram compreendidos como produtores em todo o meu levantamento, não sendo considerados como artistas.

não se ateve necessariamente à trajetória singular de ambos os personagens, mas abordou os entrecruzamentos entre elas, no objetivo de analisar o teatro engajado no Brasil pós 1964.

O que pode a Biografia, coletânea organizada também pelos historiadores Alexandre Avelar e Benito Schmidt, e publicada pela editora Letra e Voz, em 2018, pode ser considerada como uma continuidade das reflexões propostas no livro anterior. Como pressupõe o título, esta coletânea se preocupa em debater as possibilidades e os limites da biografia como escrita da História, de modo que uma das principais discussões se refere às dimensões éticas desse tipo de abordagem. O livro também é organizado contando tanto com reflexões de cunho teórico e metodológico como a partir de relatos de práticas de pesquisas. As experiências biográficas relatadas investigaram trajetórias como as do general Edmundo de Macedo Soares, o político e intelectual português Marcello Caetano, o revolucionário Gay Herbert Daniel e o presidente brasileiro João Goulart. Assim como nas outras três obras comentadas anteriormente, *O que pode a biografia* também aponta para um interesse predominante em trajetórias de homens, especialmente de intelectuais e políticos.

O que se verifica ao mapear essas quatro coletâneas, que estão entre as principais referências acerca dos estudos biográficos na historiografia brasileira, é que as trajetórias artísticas não ganharam espaço como objeto de estudo propriamente dito entre as abordagens propostas, exceto na de Paranhos (2012).

Por fim, embora ainda sejam poucas, existem biografias artísticas escritas por historiadores em forma de livros. Entre esses, vale citar a coletânea organizada por Daniel Saraiva e Rafael Hagemeyer (2018), que reúne uma série de artigos escritos por historiadores sobre a trajetória do cantor Sérgio Ricardo, que tratam, por exemplo, da dimensão engajada de sua arte musical, abordando a música como protesto; o livro de Viviane Trindade Borges (2019), um trabalho biográfico sobre Arthur Bispo do Rosário, no qual as dimensões da loucura e da arte são entrelaçadas para compreender a capacidade artística e a genialidade do personagem tido como louco e artista; e a recém lançada biografia escrita por Mary Del Priore (2022) sobre Tarsila do Amaral, artista plástica vinculada ao movimento modernista, na qual a historiadora desvenda a construção dessa que é a autora de *Abaporu* – considerado o quadro mais valioso da arte brasileira – e como a singularidade de sua obra fez com que ela se tornasse um ícone no Brasil, assim como uma referência da arte latina. Com linguagem didática, estilo adotado pela autora na maioria de seus trabalhos, o livro é um excelente exemplo

de como uma biografia permite explorar temas mais amplos, como o movimento modernista e o contexto brasileiro do início do século XX, na medida em que Tarsila era uma artista inserida em uma conjuntura em que o país construía expressões de sua modernização, e no qual a antropofagia se configurava como uma estética propriamente brasileira.

Vale também referenciar o trabalho ao qual tem se dedicado Ricardo Santhiago, no objetivo de tornar-se biógrafo da cantora e compositora brasileira Miriam Batucada. Há algum tempo, o historiador tem se empenhado nesse projeto, fazendo um mergulho no acervo pessoal da artista, que foi a ele doado por sua irmã.⁴ Com previsão de publicação para 2024, a pesquisa promete ser um trabalho de fôlego que não tem a intenção de ser simplesmente uma biografia histórica, mas que foi elaborada numa perspectiva da história pública, como explica o autor em entrevista concedida à Carvalho Neto, Silva e Fernandes (2020).⁵

Voltando ao mapeamento, para sustentar o argumento selecionei 10 dossiês sobre biografias publicados ao longo da última década em diferentes revistas da área de História. Na tabela a seguir, apresento os dados dessas publicações:

Tabela 1: Dossiês sobre biografias publicados em revistas brasileiras de História na última década

Título do dossiê	Volume, número, ano	Periódico/instituição	Organização/apresentação	Quantidade de artigos
História e biografia	v. 13 n. 22 (2011)	Revista ArtCultura/UFU	Alexandre Avelar	4
História e biografia	n. 24 (2013)	Revista História Social/UNICAMP	Alexandre Avelar	4
Biografias: reflexões e experiências de escrita	v. 9 n. 1 (2014)	Revista Cadernos de História/UFOP	Alexandre Avelar	11
Biografias e identidades	v. 3 n. 6 (2015)	Revista Ambivalências/UFS	Wilton Carlos Lima da Silva	7
A biografia nos	v. 12 n. 3 (2016)	Revista Métis:	Katani Maria	7

⁴ Sobre isso ver entrevista do historiador concedida ao G1, em 2019, disponível em: <Miriam Batucada, cantora de grande senso rítmico, tem vida e obra pesquisadas para livro | Blog do Mauro Ferreira | G1 (globo.com)>. Acesso: 12 out. 2023.

⁵ Apesar da biografia propriamente dita ainda não ter sido concluída, o historiador tem publicado alguns trabalhos sobre seu processo de pesquisa. Sobre isso, ver Santhiago e Borges (2022).

estudos históricos: abordagens contemporâneas		Cultura e História/ UCS	Monteiro e Jocelito Zalla	
Memórias, trajetórias e biografias	v. 21 n. 2 (2017)	Revista Diálogos/UEM	Wilton Carlos Lima da Silva	5
As vidas abertas da América Latina: escritas (auto)biográficas	n. 22 (2019)	Revista Maracanan/UERJ	Wilton Carlos Lima da Silva e Aurelia Valero Pie	8
Mulheres: biografias e trajetórias	v. II n. 25 (2019)	Revista Aedos/UFRGS	Elenita Malta Pereira, Jocelito Zalla e Mônica Karawejczyk	15
Escritas biográficas e trajetórias: desafios no campo historiográfico	v. 2 n. 4 (2020)	Revista Escritas do Tempo/ UNIFESSPA	Geovani Gomes Cabral, Wilton Carlos Lima da Silva e Benito Bisso Schmidt	13
O espaço (auto) biográfico	v. 14 n. 32 (2022)	Revista Nupem/UNESPAR	Wilton Carlos Lima da Silva e Hugo Quinta	14

Fonte: tabela construída pela autora.

Ao analisar os artigos que compuseram cada um desses dossiês, foi possível detectar que parte considerável dos textos travaram debates teóricos e metodológicos acerca da biografia como escrita da História, problematizando questões tais como o diálogo com a literatura, o debate sobre ficção e História, as fontes – como as escritas de si/autobiografias e outros tipos de arquivos pessoais – e a dimensão da memória. Outros, propuseram discussões acerca da historiografia referente aos estudos biográficos. Dos artigos que analisaram trajetórias específicas predominam, novamente, as políticas e intelectuais. Mas os trabalhos versaram, também, sobre trajetórias de militares, imigrantes, diplomatas, poetas, trabalhadores/as, historiadores, obras de biógrafos jornalistas, figuras históricas representativas em movimentos sociais, escravos, sindicalistas, professores/as, religiosos/as, militantes feministas, ambientalista, cineasta, jogador de futebol.

De toda a produção presente nesses dossiês, que soma um total de 88 artigos, apenas três se debruçaram sobre trajetórias artísticas. Tratam-se dos textos de Cristine Tedesco (2015), que analisou as representações da pintora Artemisia Gentileschi (1593-1654) na historiografia da arte italiana recente, o trabalho de Cyanna Fochesatto (2016), que abordou aspectos biográficos do artista gaúcho Pedro Weingärtner, tendo como

foco o percurso profissional do pintor na transição do século XIX para o XX, e o artigo de Daniel Saraiva (2016), que tratou sobre a trajetória e a memória da cantora Wanda Sá junto ao movimento da Bossa Nova. O levantamento dos trabalhos publicados nesses dossiês demonstra que, assim como nas coletâneas sobre o tema, as artes e os artistas ainda ocupam lugar periférico. Outras trajetórias, como a de políticos e intelectuais, em sua grande maioria, parecem interessar mais aos historiadores.

Para concluir este mapeamento, trago também os dados obtidos no levantamento que realizei por meio do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.⁶ Este exercício de estado da arte buscou identificar teses e dissertações desenvolvidas em diferentes Programas de Pós-Graduação em História, no Brasil, que estudaram biografias e trajetórias, com ênfase em pesquisas que abordaram autobiografias/narrativas de si como fonte, problema e objeto de estudo. O recorte temporal estabelecido foi entre os anos de 2003 e 2022. Levando em conta aspectos da minha pesquisa, utilizei as seguintes palavras-chave para a busca: Autobiografia; Biografia; Biografia de mulheres; Escritas de si; Narrativas de si; Imagem/autoimagem de si; Escrita autorreferencial; Escrita autobiográfica; Representações de si; Construção de si; História de vida; Trajetória. Biografia; Trajetória artística; Biografia artística; Trajetória profissional; Trajetória intelectual; Memória de si; Memória artística; Memória dramática; Memórias cênicas; Autobiografia artística; Espaço de memória; Lugar de memória; História do Tempo Presente.

Interessada em procurar trabalhos sobre atores e atrizes, utilizei ainda alguns termos relacionados como: Dramaturgia brasileira; Artes cênicas; Teatro brasileiro; Atriz; Ator; Fernanda Montenegro. No que diz respeito aos procedimentos de busca (descritores), utilizei os filtros: “Grande Área de Conhecimento” = Ciências Humanas, “Área de Conhecimento” = História e ano de publicação. A partir desses critérios, selecionei um total de 100 trabalhos, somando 32 teses e 68 dissertações.⁷

Para os fins deste texto, optei por apresentar quantitativamente quais foram as trajetórias estudadas nesses trabalhos, classificando da seguinte forma:

Tabela 2: Relação quantitativa de teses e dissertações sobre biografias e trajetórias encontradas no catálogo de Teses e Dissertações da Capes no recorte temporal 2003-2022.

⁶ Disponível em: <Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES> Acesso: 25 mar.2023.

⁷ Fiz uma tabela que resultou em 17 páginas não cabendo, portanto, neste texto, contendo: autoria, tipo de pesquisa (tese/dissertação), ano, título, ppgh, orientação e palavras-chaves.

Tipo de trajetória/biografia	Teses	Dissertações	Total de trabalhos
Trajetórias/biografias de figura políticas e de grandes nomes (ex: militares)	5	II	16
Trajetórias/biografias de intelectuais	15	25	40
Trajetórias/biografias artísticas/teatro	4	16	20
Trajetórias/biografias de militantes e sujeitos comuns	7	5	12
Outras trajetórias/discussões sobre arquivos pessoais	I	II	12

Fonte: tabela construída pela autora.

Dos 100 trabalhos selecionados o que se verifica é uma predominância de estudos sobre trajetórias intelectuais, mas também um interesse por trajetórias de sujeitos comuns, como militantes. As teses sobre trajetórias artísticas quase se equivalem às de políticos e grandes figuras, e no caso das dissertações, excedem tanto os trabalhos sobre essas personalidades, como também sobre sujeitos comuns. Isso quer dizer que, levando em conta este recorte quantitativo e temporal, pode-se dizer que houve um interesse em estudar trajetórias artísticas a partir de uma parcela de teses e, principalmente, de dissertações na área da História. E que há uma variante em relação a essas trajetórias nesses trabalhos, especialmente considerando dissertações, se comparadas as coletâneas e dossiês temáticos sobre biografias. Apesar disso, se for considerada a quantidade de trabalhos selecionados, a porcentagem de estudos sobre trajetórias artísticas, ou que trataram mais especificamente de assuntos relacionados ao teatro, ainda é muito pequena, somando um total de 20 trabalhos.

Foram personagens dessas pesquisas cantores/as, pintores/as, escultores/as, entre outros, e no caso dos trabalhos que trataram sobre teatro, aparecem como protagonistas alguns dramaturgos brasileiros e suas peças, os quais, como já sinalizei anteriormente, não considerei artistas e sim produtores. Entre esses, apenas uma dissertação abordou, de forma mais específica, a trajetória de um ator. Trata-se do trabalho de Bruna Meyer Pereira (2022), que analisou a trajetória do ator Antônio

Mário dos Santos. A pesquisa abordou diferentes dimensões do personagem, com ênfase em suas contribuições para a resistência teatral, artística e intelectual de Alagoinhas e o circuito cultural na cidade entre 1961 e 1987. Um trabalho que lança olhar para a trajetória de um ator que não está entre os círculos de atores e atrizes famosos, cujas carreiras ganham progressão, geralmente, na região Sudeste do país.

Para concluir, apesar de meu foco ter sido os estudos biográficos propriamente ditos, não posso deixar de mencionar alguns dos muitos trabalhos pertencentes à historiografia do teatro no Brasil. Trabalhos que, em sua grande maioria, se dedicaram a compreender o protagonismo artístico de grupos teatrais em diferentes contextos, problematizando um tipo de arte teatral engajada, debatendo a censura ao campo artístico, e nos quais percursos e narrativas de atores e atrizes aparecem, em maior ou menor grau, quando abordados junto aos coletivos em que estes estiveram inseridos. Para citar apenas alguns, destaco os trabalhos de Tânia Brandão (2002, 2017, 2019), Natália Batista (2017, 2019), Miliandre Garcia (2010, 2012, 2018), Patriota (1999, 2013), os artigos da coletânea organizada por Fabiana Fontana e Henrique Gusmão (2019), e o recente trabalho de Daniel Saraiva e Nashla Dahás (2023).

Alguns trabalhos biográficos sobre ator/atrizes na História

Três pesquisas de fôlego que elegeram trajetórias de atores brasileiros como objeto de estudo podem ser aqui referenciadas. Não quero afirmar que estes sejam os únicos trabalhos dessa natureza realizados por historiadores. Contudo, depois de muito pesquisar, não encontrei outros estudos de maior envergadura sobre tais trajetórias para além destes.

O primeiro é a tese do historiador Júlio Cláudio da Silva (2011), intitulada *Relações raciais, gênero e memória: a trajetória de Ruth de Souza entre o Teatro Experimental do Negro e o Karamu House (1945-1952)*. O trabalho teve como objetivo analisar relações raciais e de gênero a partir da trajetória da atriz brasileira Ruth de Souza. Para tanto, o historiador se dedicou em compreender o percurso dessa atriz negra nos dois espaços artísticos, analisando seu trabalho de memória sobre si e sua trajetória artística, entendendo-os como um método de arquivamento de si. Trata-se de uma pesquisa que “dialoga com a produção historiográfica que analisa o conceito de raça, relações raciais e identidade negra na sociedade brasileira” (SILVA, 2011, p. 14). O historiador utilizou oito depoimentos autobiográficos como fonte, somando a outros documentos sobre a atriz que podem ser encontrados no arquivo Ruth de Souza, do

Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI-UFF).⁸

Ao apresentar uma narrativa histórica sobre uma trajetória ainda não estudada, a pesquisa é um referencial ao colocar no centro da História uma atriz que marcou gerações com suas interpretações, tecendo uma abordagem acerca de sua atuação como profissional nas principais companhias de teatro e cinema no recorte temporal estabelecido pelo autor. Sustentado por amplo arcabouço teórico acerca da questão racial, o trabalho parte do entendimento de que o Teatro Experimental do Negro se constituiu como uma das principais associações de negros do século XX, considerando “o surgimento desta organização como parte das lutas antirracistas e pela ampliação da cidadania dos afrodescendentes no Brasil” (SILVA, 2011, p. 12). Em 2015, a tese foi transformada em livro e publicada pela editora UEA, com o título *Uma Estrela Negra no teatro brasileiro. Relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza (1945-1952)*, tendo edição revisada publicada pela mesma editora em 2017.

O segundo trabalho é o livro intitulado *Antonio Fagundes no palco da história: um ator*, publicado em 2018 pela Editora Perspectiva e escrito por Rosângela Patriota, uma das principais referências na historiografia brasileira sobre teatro. Neste extenso livro biográfico, para o qual se dedicou durante anos, Patriota (2018) abordou não apenas o papel do ator no campo dramaturgico, mas buscou também perscrutar fragmentos da história do teatro e dos demais espaços pelos quais transitou seu biografado, como o cinema e a televisão. Sua justificativa é mais do que plausível, qual seja, a necessidade de lançar um olhar específico para a figura do ator, uma vez que a História do teatro no Brasil, até então, estava se dedicando ou em estudar grupos e companhias teatrais, ou quando focada em sujeitos deste meio, se interessando mais pelos percursos de dramaturgos e críticos. Os atores e atrizes, ainda permaneciam um tanto quanto ausentes dessa historiografia. Valendo-se de um amplo arsenal documental composto por depoimentos, cartas, fotografias, críticas de jornais, e de um contato com o personagem biografado, Patriota (2018) aborda, por exemplo, a presença do ator no Teatro Arena, o engajamento teatral durante a ditadura militar e a Companhia Estável de Repertório, criada por Fagundes.

Além dos dois trabalhos já mencionados, o já citado historiador Júlio Cláudio da Silva publicou, em meados de 2023, também pela editora UEA, o livro intitulado

⁸ Disponível em: <<http://www.labhoi.uff.br/imagens-digitais/categorias/204>>. Acesso: 15 out. 2023.

Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia. Ao tornar a atriz Léa Garcia protagonista de sua narrativa historiográfica, novamente, o historiador lança seu olhar para aspectos da trajetória artística de uma das mais longevas atrizes negras da dramaturgia brasileira, que faleceu em agosto do presente ano, poucos dias após o lançamento do livro, no Itaú Cultural – evento realizado no final do mês de julho, que contou com a presença do autor e da atriz. Na obra, Silva (2023) versa sobre a trajetória de Léa Garcia no teatro, cinema e televisão, especialmente na década de 1950, estabelecendo como baliza temporal sua participação no Teatro Experimental do Negro (TEN) e no longa metragem intitulado *Orfeu Negro* ou *Orfeu de Carnaval*, pelo qual Garcia classificou-se em segundo lugar no prêmio de “Melhor Atriz” no Festival de Cinema de Cannes, em 1957.

O autor examina a militância antirracista da atriz por meio de seus trabalhos, considerando que Garcia foi uma referência no que diz respeito ao papel do negro no meio artístico brasileiro. Trata-se de um livro que, ao se centrar em uma trajetória específica, busca abordar o protagonismo negro no Pós-abolição, tema bastante caro aos estudos de Júlio Cláudio da Silva que, além dos trabalhos sobre as atrizes Ruth de Souza e Léa Garcia, também tem abordado aspectos da trajetória de Zezé Motta. Em artigo intitulado *Interseccionalidade e lutas por direitos nas trajetórias das atrizes negras, Ruth de Souza, Léa Garcia e Zezé Motta, (1940-1960)*, Silva (2022) indica algumas possibilidades de interpretação histórica sobre as trajetórias de mulheres negras no Pós-Abolição, a partir da trajetória e protagonismo dessas três atrizes negras, discutindo categorias como interseccionalidade e geração. Sua abordagem ressalta a luta política do negro no meio artístico, enfatizando que a presença de negros no teatro serviu e serve como denúncia do racismo nestes espaços marcados por estigmas de classe, gênero e raça.⁹

Acredito que ainda seria necessário um levantamento mais apurado de trabalhos que abordaram as relações entre História e Teatro em dossiês e eventos da área. Um rápido sobrevoo por alguns dos principais dossiês sobre o tema, publicados nos últimos anos, permite verificar que, em se tratando do universo teatral, grupos, peças e espetáculos têm sido o principal alvo das pesquisas. No caso dos poucos trabalhos de caráter biográfico, são as trajetórias de dramaturgos e críticos teatrais que

⁹ Vale mencionar que o historiador Adriano Denovac, doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, desenvolveu um trabalho sobre Antonio Pitanga. A tese, que tem previsão de defesa ainda neste ano, busca traçar o percurso artístico do ator brasileiro no cinema, numa perspectiva da história do tempo presente e dos estudos pós e decoloniais.

ganham maior espaço, enquanto a ausência de pesquisas sobre atores e atrizes é notável.¹⁰

Caberia, diante desses diagnósticos, que, apesar de parciais, ainda assim se mostram significativos, questionar sobre o por que as trajetórias artísticas ainda parecem ocupar a margem dos estudos biográficos? E, especialmente, por que as trajetórias de atores e atrizes aparecem ainda de forma muito tímida nessa produção? Para essas questões, talvez não existam respostas prontas ou fáceis. Talvez esse tipo de abordagem ainda seja quase inexistente, porque os historiadores ainda não se deram conta do potencial que o estudo sobre trajetórias artísticas de atores e atrizes possui – seja para a pesquisa, seja para o ensino de História –, pois o viés artístico é um profícuo e didático caminho para abordagens de temas dos mais diversos. As trajetórias artísticas suscitam, assim, debates políticos, sociais e culturais, servindo de gancho para pensar questões mais amplas, como nos trabalhos de Silva (2017, 2023).

Tais trajetórias possibilitam, de igual modo, a compreensão de como a arte é encarada como uma maneira de estar no mundo, de representá-lo, de interpretá-lo, de torná-lo habitável, de transformá-lo. Talvez falte uma reflexão maior, da parte dos historiadores biógrafos, de que o campo artístico não se separa de outras esferas sociais e de que a arte é política em suas mais variadas formas e manifestações. Quem sabe ainda seja necessário desconstruir alguns parâmetros tradicionais da disciplina, promovendo um salto historiográfico em que os estudos biográficos sejam povoados por novos sujeitos, novos objetos, novas abordagens, novas fontes e que, entre essas, estejam as trajetórias artísticas, especialmente as de atores e atrizes.

Possibilidades: entre fontes e problemáticas

Pouco estudadas, as trajetórias de atores e atrizes se mostram objetos interessantes na medida em que, para além da singularidade de cada um desses percursos, elas possibilitam a compreensão maior dos espaços cênicos e dos processos de criação nos quais essas trajetórias foram forjadas (FONTANA, GUSMÃO, 2019). Ao lançar o olhar para o itinerário artístico de um ator/atriz, o historiador pode partir de diferentes problemáticas e objetivos. Seu interesse pode ser o de traçar um estudo sobre o papel que ocupou ou ocupa um determinado ator/atriz em uma dada

¹⁰ Aqui, me refiro especificamente a alguns dossiês publicados pela ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte, vinculada ao Instituto de História e ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, que tiveram as relações entre História e Teatro como temática. São eles: v. 7, n. 11; v. 9, n. 15; v. 11, n. 19; v. 13, n. 23; v. 15, n. 27 e v. 16, n. 29.

conjuntura histórica, seu processo de inserção no meio artístico, seus processos de criação e performance, as dimensões políticas e sociais de seu ofício. Além disso, o historiador pode construir um estudo que vise compreender as mudanças no campo das artes cênicas ao longo do tempo, por meio do olhar de um ator ou atriz, assim como os diferentes tipos de proposta artísticas por eles desempenhados. Outra possibilidade seria compreender o legado construído em torno de determinadas figuras representativas no universo das artes cênicas e a maneira com que algumas delas constroem memórias sobre si e sua trajetória artística com objetivos pedagógicos, políticos ou monumentais. Ou ainda, a forma como algumas dessas trajetórias podem revelar as ambiguidades e hierarquizações do universo artístico, e como seus itinerários colocam em xeque determinadas estruturas.

A compreensão da memória das artes cênicas por meio dessas trajetórias é, talvez, a mais rica das dimensões a serem exploradas pelos historiadores que podem e devem se questionar, por exemplo, por que algumas figuras alcançam lugar de prestígio, condecorações e prêmios, sendo sempre cotadas para relevantes papéis e trabalhos, enquanto outras/os tiveram carreiras tão intensas quanto breves? Ou então, por que algumas dessas trajetórias permanecem silenciadas e apagadas, enquanto outras são tomadas como objeto de constantes processos de monumentalização e patrimonialização? Por fim, no caso brasileiro, as trajetórias mais antigas permitem uma compreensão da própria historicidade das artes cênicas. Enfim, são muitas as possibilidades, e certamente fontes e documentações para a investigação dessas trajetórias é o que não faltam.

No Brasil, a memória das artes cênicas e dos sujeitos envolvidos neste universo foi, ao longo do tempo, alvo de projetos e disputas que levaram à elaboração de políticas públicas e culturais que se dedicassem à sua salvaguarda, preservação e difusão (LOPES, 2020). No que se refere aos arquivos institucionais, o Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Nacional das Artes (Cedoc/Funarte) é um dos órgãos responsáveis por custodiar um amplo acervo referente às artes cênicas. O processo histórico de constituição desse patrimônio documental foi cuidadosamente analisado na tese de Carolina Cantanhede Lopes (2020). Os Arquivos Privados do Cedoc/Funarte agrupam diferentes fundos pessoais de figuras ligadas ao campo das artes cênicas no Brasil e se configuram como ricas fontes para o estudo de trajetórias de atores e atrizes.

Segundo Caroline Cantanhede Lopes (2020), os conjuntos documentais que

compõem os Arquivos Privados do Cedoc/Funarte são resultados de projetos de memória e foram adquiridos por meio de campanhas de doação empreendidas por instituições que a antecederam, tais como o Serviço Nacional de Teatro (SNT), o Instituto Nacional das Artes Cênicas (Inacen), a Fundação Nacional de Artes Cênicas (Fundacen) e o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (Ibac). Em 2016, o Setor de Arquivos Privados da Funarte publicou o livro *Arquivos e coleções privados Cedoc/Funarte — Guia geral*,¹¹ que organizou, em ordem alfabética, cada um dos fundos pessoais presentes no acervo, explicando a procedência, data de obtenção, estágio de organização e tratamento, conteúdo, entre outros aspectos dessa gama documental até o ano de publicação do material. Esse acervo contém diferentes documentos de atores e atrizes e já possui bastante material disponível de forma digital que pode ser consultado para fins de pesquisa e ensino da História.¹² Além dos fundos privados, há a série Coleções, que também guarda uma amplitude de documentos sobre trajetórias no âmbito das artes cênicas.¹³

Vale dizer que esses Fundos Pessoais e Coleções se mostram potentes especialmente para os historiadores que se interessam em pesquisar trajetórias femininas, já que como afirmou Caroline Cantanhede Lopes (2022), boa parte do conjunto documental presente nesse acervo foi produzido e trata de mulheres. Assim, a historiadora chama a atenção para o fato de que tais arquivos permitem compreender o protagonismo e representatividade feminina na constituição de diferentes arquivos (LOPES, 2022), o que é muito interessante para ser trabalhado na pesquisa e no ensino de História, sobretudo a partir das escritas de si, haja vista que durante longa data o ato de escrever foi uma prática majoritariamente masculina (RAGO, 2013). O levantamento de Lopes (2022, p. 316), apontou que “as 91 titulares que compõem o mosaico dos Arquivos Privados do CEDOC/Funarte são provenientes, sobretudo, do teatro”, sendo que uma dessas mulheres é Fernanda Montenegro.¹⁴

A *Coleção Aplauso*, da Imprensa Oficial, também dispõe de um arsenal de livros biográficos, escritos por jornalistas e outros profissionais, sobre personalidades ligadas ao campo das artes cênicas. Tais livros estão disponíveis em formato PDF no

¹¹ Disponível em: <arquivos-e-colecoes-privados-cedoc_funarte-2013-guia-geral.pdf (www.gov.br)>. Acesso: 18 set. 2023.

¹² Disponível em: <FUNARTE>. Acesso: 20 set. 2023.

¹³ Disponível em: <FUNARTE>. Acesso: 20 set. 2023.

¹⁴ Sobre acervos teatrais, e que agrupam documentos pessoais de atores e atrizes, ver Fontana e Cantanhede (2016), Fontana (2019).

site da coleção e podem também ser consultados para fins de pesquisa e ensino de História.¹⁵ Diferentes atores e atrizes tiveram suas trajetórias contadas nesses livros, que contaram com depoimentos pessoais dessas personalidades. Além disso, existem atores e atrizes que já publicaram livros autobiográficos e que podem servir como fonte para o estudo de suas trajetórias.¹⁶ Nesses casos, é importante que a abordagem se dedique em pensar questões como: por que para essas pessoas foi importante escrever sobre si mesmas? Que imagens de si estão sendo construídas? Enfim, que tipo de memória foi mobilizada?

Além dos veículos midiáticos, que dispõem de vastas entrevistas e reportagens com e sobre atores e atrizes, seja em sites específicos como, por exemplo, o *Memória Globo*,¹⁷ seja em programas como o *Persona em Foco*, da TV Cultura, que entrevista pessoas ligadas ao teatro e campo artístico,¹⁸ os conteúdos das próprias redes sociais públicas de atores e atrizes podem ser fontes de pesquisa. Nessas redes, como nos perfis de *Instagram*, muitos deles compartilham conteúdos relacionados às suas trajetórias artísticas, como a comemoração de marcos importantes, trabalhos realizados, em andamento e porvir. Realizam, enfim, seu próprio trabalho de memória e arquivamento de si, de forma pública e midiática. Sobre isso, segundo Leonor Arfuch (2010), as mídias e redes sociais são legítimos componentes do espaço biográfico contemporâneo, no qual confluem “múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa” (ARFUCH, 2010, p. 58). Nesse sentido, para a autora, a internet é um potencial espaço biográfico, político e de construção/afirmação de identidades públicas.¹⁹

É evidente que o uso desse tipo de fonte requer procedimentos teórico-metodológicos e reflexões específicas por parte dos historiadores como, por exemplo, o diálogo com os debates em torno da história digital e da história pública²⁰, bem como com as discussões acerca da dimensão ética sobre o trabalho biográfico, especialmente quando a pesquisa é sobre pessoas vivas, haja vista que esses materiais geralmente não são feitos para fins de pesquisa. Os historiadores é que tornam documentos pessoais –

¹⁵ Disponível em: < Coleção Aplauso (imprensaoficial.com.br)>. Acesso: 20 set. 2023.

¹⁶ <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/16-artistas-de-tv-que-ja-lancaram-livros-voce-provavelmente-nao-sabia-25574577.html>. Acesso em: 15 set. 2023.

¹⁷ Disponível em: <Memória Globo>. Acesso: 18 set. 2023.

¹⁸ Sobre o programa *Persona em Foco*, ver: <Persona (uol.com.br) / (559) Persona - YouTube>. Acesso: 18 set. 2023.

¹⁹ Entrevista com Leonor Arfuch disponível em: <IDPUCPR - Identidade>. Acesso: 21 set. 2023.

²⁰ Sobre isso, ver Almeida (2011), Noiret (2015) e Carvalho, Teixeira (2019).

e outros – fontes históricas, quando lançam suas perguntas e problematizam o documento em função de seus trabalhos. Se faz importante, dessa forma, ao passo que os historiadores decidem se utilizar de documentos pessoais presentes em plataformas ou instituições públicas, uma reflexão não apenas sobre a liberdade e o direito científico, mas também sobre questões como a privacidade do nome e dos dados das pessoas pesquisadas, sobretudo quando as pesquisas tratam de assuntos difíceis, delicados e polêmicos, ou quando revelam algumas de suas intimidades.²¹

Para os historiadores do tempo presente, há ainda a possibilidade de se trabalhar com a história oral, produzindo entrevistas inéditas com atores e atrizes vivos, desde que estes concordem/aceitem. Há que se saber que o acesso a esses artistas pode ser demorado, haja vista que muitos que ainda atuam e possuem agendas de trabalho cheias. Outros podem não se dispor, enquanto outros nem serão acessados, e que isso é normal, sobretudo quando se fala em figuras bastante famosas. Se viabiliza, também, a realização de entrevistas com atores e atrizes que, porventura, não atuam mais e que tomaram outros rumos, por exemplo. A pesquisa de Natália Batista (2023) é um desses exemplos do trabalho com a história oral, em que a autora entrevista uma atriz.²²

Porém, creio que quando se trata de pessoas bastante famosas e atuantes, e que a todo momento estão concedendo entrevistas para diferentes veículos midiáticos, é importante que o historiador, ao decidir fazer ele mesmo uma entrevista com o artista, se intere de entrevistas já realizadas com seu biografado, para que saiba elaborar questões pertinentes que já não tenham sido amplamente feitas, ou seja, para otimizar e aproveitar a oportunidade que, muitas vezes, pode ser única. Para produzir uma fonte que permita abordar questões que outras fontes já existentes não possibilitam, ou que viabilize a comparação com narrativas de outras entrevistas, de modo a confirmar hipóteses ou desconstruí-las. Isso porque os atores e atrizes que dão entrevistas frequentemente possuem, na maioria das vezes, discursos endossados sobre si mesmos e que comumente se repetem justamente porque são movidos por suas vontades de projetar uma imagem cristalizada de si mesmos.

Por fim, no que se refere às possibilidades desse tipo de pesquisa, além da bibliografia sobre a relação entre História e teatro, por exemplo, o diálogo interdisciplinar com a produção científica das Artes Cênicas me parece fundamental

²¹ Sobre isso, ver Oliveira (2016), Schmidt (2014, 2018) e Macneil (2019).

²² Sobre entrevistas de história oral com artistas, ver mais em Santhiago (2018) e Santhiago e Salles (2018).

para os historiadores, pois se a historiografia não tem lançado olhar para as trajetórias de atores e atrizes, as Artes Cênicas o tem feito há muito tempo. Basta digitar no *Google Acadêmico* “trajetórias de atores e atrizes” e uma imensidão de trabalhos podem ser encontrados, sejam artigos em revistas especializadas, sejam teses e dissertações desenvolvidas em diferentes programas de pós-graduação da área, que tomaram essas trajetórias como objeto de estudo. O conhecimento e o diálogo dos trabalhos e atividades realizados em torno da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, de igual modo, também se faz importante para aqueles que se interessam em pesquisar trajetórias de atores e atrizes, pois permite uma interação com os projetos desenvolvidos e a bibliografia.²³

E no que o trabalho do historiador difere destes ou dos demais? Creio que sejam a preocupação com o tempo e as questões lançadas. O trabalho com a dimensão temporal, e a necessidade de compreender como, historicamente, as coisas foram construídas, mobilizando diferentes camadas temporais, é o que faz do ofício do historiador um empreendimento diferente dos demais, além do compromisso com as fontes. Isso não quer dizer, é claro, que outros profissionais que se dedicam à construção de biografias não se atentem à historicidade de seu objeto e não se utilizem, de forma adequada, das fontes. Contudo, no caso dos historiadores, o trabalho com a questão temporal é regra, não exceção, assim como o trato com a documentação tem suas especificidades. Além de que, a natureza de sua narrativa também difere das outras. Nesse caso, gosto de sempre voltar à máxima ensinada por Marc Bloch (2001), para quem o trabalho do historiador consiste em compreender. Nem julgar, tampouco romantizar ou enaltecer determinadas figuras, mas compreender como foram forjadas no tempo. É nesse caminho que minha tese sobre a atriz Fernanda Montenegro tem sido, aos poucos, gestada.

Contribuições: Uma tese sobre a atriz Fernanda Montenegro

Minha pesquisa é um trabalho de história do tempo presente, perspectiva historiográfica interessada não somente no passado recente e nos processos históricos inacabados, mas que se preocupa diretamente com os chamados “passados que não passam” e com seus usos públicos e políticos, mobilizados por meio do trabalho de memória de grupos e pessoas vivas (DOSSE, 2012; ROUSSO, 2016; DELACROIX, 2018,

²³ Disponível em: <Home - Portal ABRACE, BIBLIOGRAFIA CRÍTICA DO TEATRO BRASILEIRO (usp.br)>. Acesso: 23 set. 2023.

RODRIGUES e BORGES, 2021). O trabalho de memória, assim, é entendido como um exercício através do qual o passado é atualizado, reivindicado, disputado, criticado e mesmo enaltecido, no presente. E conforme destacam Alexandre Avelar e Benito Schmidt (2018), um dos principais alvos das biografias históricas tem sido a abordagem da dinâmica das relações entre História e memória. Não mais as memórias coletivas, mas de pessoas individuais – e é justamente nessa direção que caminha minha pesquisa.

A tese se dedica em estudar a trajetória artística da atriz brasileira Fernanda Montenegro, que recentemente completou 94 anos. É justamente seu trabalho de memória sobre si e sobre sua trajetória artística, e os estratos de tempo (KOSELLECK, 2014) por ele mobilizados que me interessa analisar, a fim de compreender a forma como a atriz se construiu narrativamente ao longo do tempo, ou seja, como construiu e arquivou, ela mesma, a própria vida (ARTIÉRES, 1998). O trabalho objetiva, assim, não apenas analisar a singularidade de seu itinerário artístico, mas, a partir dele, compreender fragmentos da própria história da dramaturgia brasileira contemporânea, a partir do percurso de uma de suas pioneiras. Assim, a hipótese que tem norteado a tese é a de que a atriz viveu autobiograficamente (EAKIN, 2019) e que, especialmente agora, na velhice, momento em que a vida vai se encaminhando para o fim, tem se empenhado em um projeto autobiográfico, de monumentalização e imortalização de si, movida pela preocupação com a imagem de si para a posteridade.

Essa problemática não é nem de longe inédita, embora o seu objeto o seja. Os projetos autobiográficos e as maneiras como determinados sujeitos – geralmente personalidades consideradas importantes – escreveram sobre suas vidas e produziram memórias pessoais, preocupados com a imagem de si para a posteridade, já foram alvo de diferentes pesquisas na História.

Além dos textos que compõem as coletâneas citadas anteriormente, algumas das teses e dissertações encontradas no estado da arte apresentado ao longo deste artigo também se debruçaram sobre projetos autobiográficos. Entre estes, cito a tese de Andréia Ferreira Delgado (2003), que investiga o processo de monumentalização que instituiu Cora Coralina mulher-monumento. Com esse intuito, a autora analisa a memória da própria intelectual em sua autobiografia, a memória construída pela exposição do Museu Casa de Cora Coralina, a biografia escrita pela filha da poetisa e a memória subterrânea engendrada em Goiás. Já a dissertação de Gleize Andrade Cruz (2008) analisou a forma como o artista Antônio Carlos Jobim se empenhou em

constituir um arquivo pessoal movido pela preocupação de sua imagem para o futuro e pela vontade de perpetuar sua memória artística.

Semelhantemente, a tese de Aline Montenegro Magalhães (2009) buscou compreender como Gustavo Barroso praticou um exercício de arquivamento de si, analisando a imagem de si que o intelectual buscou construir e deixar para a posteridade. Rodrigo da Silva Félix (2014), por sua vez, refletiu sobre as escritas de si da última imperatriz brasileira, dona Teresa Cristina, e seu processo de monumentalização. Dos trabalhos mais recentes, vale destacar a tese de Rafael Guilherme de Carvalho (2017), que buscou compreender a historicização do legado do historiador Sérgio Buarque de Holanda e as estratégias pelas quais sua posição foi construída, investigando os discursos do autor sobre si mesmo e sua obra e a memória que se construiu em torno dele. Por fim, em sua dissertação, Mayara Brandão Venturini (2017) objetivou mapear o projeto de si construído por Thomas Jefferson, terceiro presidente dos Estados Unidos da América e redator da Declaração de Independência, em sua narrativa autobiográfica. O estudo intencionou demonstrar a face que o personagem delegou de si para a posteridade, igualmente.

Entre tantos outros trabalhos que poderiam aqui ser comentados, o que essas pesquisas têm em comum é não apenas o mesmo tipo de problemática, objetivos e tipologia documental, mas o fato de tratarem de personagens considerados “importantes”. Ao discorrer acerca da biografia como escrita da História, Benito Schmidt (2003, 2018) destaca que durante muito tempo, os estudos biográficos se dedicaram sobre a vida de sujeitos pertencentes às classes dominantes, e que a justificativa dessa escolha se dava, justamente, pela representatividade destes personagens em relação a um quadro social mais amplo, a partir do qual fossem considerados sujeitos notáveis. Em outras palavras, Schmidt (2003, 2018) problematiza um certo elitismo do gênero, apontando que, nos últimos anos, a historiografia buscou privilegiar trajetórias de personagens anônimos e subalternizados, cujas histórias durante longa data foram consideradas irrelevantes. Produzir um trabalho de dimensão biográfica que trata sobre a trajetória de Fernanda Montenegro poderia soar, em um primeiro momento, como uma escolha que, de certo modo, contribuiria para a reprodução deste parâmetro elitista.

Os historiadores precisam justificar as razões pelas quais elegem a vida de determinados personagens para estudar – e não a de outros – e que tipo de narrativa pretendem produzir sobre a pessoa escolhida. A ideia de fazer uma tese sobre a atriz

surgiu da leitura que fiz de sua autobiografia intitulada *Prólogo, Ato, Epílogo*, que foi escrita em colaboração com a jornalista Marta Góes e publicada pela editora Companhia das Letras, em 2019, em razão de seu aniversário de 90 anos de idade e 70 anos de carreira. Comprei essa autobiografia despropositadamente quando a vi em uma livraria. Nunca fui uma grande fã de Fernanda Montenegro, apesar de admirar seu trabalho.

Ao começar a ler, vi que se tratava de um livro de memórias de si, de sua carreira artística, mas também um livro sobre diferentes momentos da história da dramaturgia brasileira contemporânea, a partir de sua retrospectiva de vida. Ali eram mobilizadas memórias de um Brasil que foi e de um Brasil que era, no momento da elaboração da obra, que é o resultado de 18 entrevistas realizadas por Marta Góes entre 2016 e 2017, por ela também transcritas e devolvidas para que a atriz pudesse tecer o trabalho da escrita de si entre 2017 e 2019. Se as memórias familiares aparecem inicialmente, no que a autora chama de *prólogo*, é no *ato* que essa escrita de si se concentra, ou seja, no tornar-se atriz de Fernanda Montenegro. No *ato*, é o itinerário artístico que ganha forma, as linguagens cênicas, os trabalhos, os processos criativos das peças e suas interpretações, os grupos e companhias teatrais em que esteve inserida etc. Como a atriz afirma em suas próprias palavras, ao falar sobre o livro no canal do YouTube da Companhia das letras, “São noventa anos, praticamente um século. É uma viagem também com muitos colegas, com muitas crises políticas, com muitas linguagens cênicas, com muita coragem de sobrevivência e resistência”.²⁴

Como se fosse possível retratar em um livro um percurso retilíneo e coeso de uma trajetória de quase um século, o que, como bem salientou Bordieu (2006), não passa de uma ilusão biográfica, a narrativa busca dar coerência e sentido ao trajeto artístico de Fernanda Montenegro, ainda que nem sempre se utilizando de uma retórica linear e cronológica. Há, na verdade, um constante diálogo entre passado e presente realizado nas páginas de *Prólogo, Ato, Epílogo*, pois é justamente em função do presente no qual a narrativa é tecida que ela busca incidir. Naquelas páginas, ao construir uma imagem de si, ao selecionar que tipos de eventos e episódios mereciam ser contados, a atriz também oferece um relato testemunhal sobre os desdobramentos do regime militar no tocante ao campo artístico, por exemplo, especialmente ao falar sobre a censura de determinadas peças, como também dos ataques à cultura das artes

²⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IJxjIr5bUo>>. Acesso: 21 set. 2023.

na conjuntura bolsonarista, quando a escrita da autobiografia estava sendo gestada. Entendo que seu trabalho de memória não se deu apenas para coroar sua obra em um momento em que a vida vai se encaminhando para o fim, mas também que esse trabalho de memória constitui um uso específico do passado, que se mobiliza a favor da cultura das artes no Brasil, que problematiza e enfatiza o lugar do artista na sociedade brasileira e que levanta diferentes tensionamentos entre arte, política e sociedade. Em outras palavras, um uso público e político.

Um livro que foi escrito para ser uma retrospectiva de vida, não uma fonte histórica, mas que se tornou a fonte principal da minha tese e que fomentou a escrita do meu projeto de doutorado quando passei a vê-lo com olhos de historiadora. Como apontou Marc Bloch (2001), qualquer vestígio humano, seja ele produzido de forma intencional ou não, só se torna fonte para a escrita da História quando o historiador constrói, sobre ele, uma problemática. Me surgiu a ideia de trabalhar, a partir do livro, História, memória e estratos de tempo. Eu, que nunca havia trabalhado com memória, tampouco com esse tipo de fonte, me lancei a um desafio. O amadurecimento desta ideia inicial, ao longo do primeiro ano do curso de doutorado, desembocou na problemática, objetivos e hipótese que compartilho aqui.

Durante esse primeiro ano, outras fontes que me ajudaram a fomentar a hipótese foram elencadas, como, por exemplo, alguns dos documentos presentes no fundo pessoal de Fernanda Montenegro e Fernando Torres no Cedoc/Funarte, referentes à trajetória artística do casal²⁵, assim como outras escritas de si e biografias da atriz e sobre ela. Tratam-se dos livros *A vida de Fernanda Montenegro - Depoimento*, que integra a coleção Gente de Sucesso, lançada pela editora Rio Cultura em 1973; *Viagem ao outro: sobre a arte do ator*, publicado em 1988 pela Editora da Fundacen; *Fernanda Montenegro: em defesa do mistério*, que integra a coleção Aplauso Perfil, lançada pela editora Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em 2009, e a fotobiografia intitulada *Fernanda Montenegro – Itinerário fotobiográfico*, publicada pela editora Sesc de São Paulo, em 2018. Estes livros contêm depoimentos e escritas de si elaborados em diferentes estágios da carreira da atriz e possibilitam compreender a produção da memória de si ao longo do tempo como, por exemplo, os diferentes períodos de sua trajetória artística, os pontos de virada na carreira, os principais trabalhos, os prêmios e condecorações. Mas também os distintos momentos

²⁵ Disponível em: <Arquivo Fernanda Montenegro e Fernando Torres (Componente digital - documento elaborador - formato .DOCX) - FUNARTE> Acesso: 22 set. 2023.

da história do país e da dramaturgia brasileira que vão sendo colocados como pano de fundo.

Entrevistas e aulas/palestras concedidas e proferidas pela atriz também compõem o corpus documental da pesquisa. Entre essas, uma fonte importante é a aula inaugural no Conservatório Nacional de Teatro, em março de 1967, em que a atriz falou sobre a profissão do ator, que foi publicada no número 90 da Revista do Teatro, em 1981.²⁶ Outra fonte será a entrevista publicada no número 162 da mesma revista, em 2001, na qual a atriz também trata sobre seu ofício.²⁷ Além desse material, outras reportagens sobre ela, bem como entrevistas em formato audiovisual concedidas pela atriz em momentos distintos de sua carreira para programas televisivos e outros veículos midiáticos, que estão disponíveis publicamente na internet, em sua grande maioria no YouTube, também ajudarão a sustentar o argumento. Por fim, alguns conteúdos do *Instagram* pessoal e público da atriz também vão compor a pesquisa²⁸, assim como não será descartada a possibilidade de uma entrevista com a mesma.²⁹

Ao somar-se aos estudos que têm se dedicado sobre projetos autobiográficos, a tese se torna relevante não apenas porque evidencia algumas fontes ainda não exploradas, mas também porque se propõe a investigar uma trajetória artística que ainda não ganhou atenção da historiografia. Curiosamente, também não há em outras áreas nenhum trabalho de fôlego que tenha tomado a trajetória da atriz como objeto de estudo propriamente dito, apesar de alguns dedicarem a ela uma atenção especial. Para citar apenas alguns, além do trabalho de Tânia Brandão (2002), sobre o Teatro dos Sete, vale referenciar as pesquisas de Heloísa Campos (2008, 2010, 2012), nas quais a antropóloga debateu questões de gênero, abordando como algumas atrizes como Fernanda Montenegro ganharam nome e fama ao longo do século XX.

A dissertação de Gustavo Guenzburger (2011), também cedeu lugar importante para a trajetória da atriz. O trabalho teve como foco o estudo do texto teatral de *Mambembe*, peça na qual Fernanda Montenegro interpretou a personagem Laudelina, e o grupo Teatro dos Sete, do qual a atriz foi uma das principais integrantes.

²⁶ Disponível em:

<https://otablado.com.br/media/cadernos/arquivos/CADERNOS_DE_TEATRO_NUM_900001.pdf>
Acesso: 22 set. 2023.

²⁷ Disponível em:

<https://otablado.com.br/media/cadernos/arquivos/CADERNOS_DE_TEATRO_NUM_169.pdf>
Acesso: 22 set. 2023.

²⁸ Disponível em: < Fernanda Montenegro (@fernandamontenegrooficial) • Fotos e vídeos do Instagram >. Acesso: 22 set. 2023.

²⁹ Tenho tentado o contato com sua assessoria, mas por enquanto ainda não obtive retorno algum.

O autor teve contato direto com Fernanda Montenegro para o desenvolvimento da pesquisa, a qual não apenas lhe concedeu entrevistas, como também disponibilizou documentos. Já na tese de Gustavo Guenzburger (2015a), a figura de Fernanda Montenegro toma um certo protagonismo, na medida em que o autor dedica à ela dois subcapítulos do trabalho. O papel da atriz em Mambembe foi também discutido de forma mais circunscrita por Guenzburger (2015b) em artigo específico.

Heloísa Pontes (2022) trata sobre a atriz partindo de uma problemática bastante semelhante a que estou me propondo. A autora se detém aos livros que Paulo Autran e Fernanda Montenegro produziram sobre suas trajetórias artísticas sob a forma de fotobiografias, assim como também ao arquivo do ator. Sua análise trata, entre outras questões, sobre a produção de ambos os intérpretes no trabalho de materialização de suas experiências, analisando os mecanismos de memória e como a seleção do que narrar se relaciona com a construção do nome artístico de ambos os atores.

Por fim, outro trabalho que dedica atenção exclusiva à Fernanda Montenegro é a dissertação de Juliana Fernandes Besse Santos (2022), que analisa a autobiografia *Prólogo, Ato, Epílogo*, de Fernanda Montenegro. O foco da pesquisadora foi realizar uma comparação entre as biografias de Fernanda Montenegro e Rogéria, a primeira, atriz cisgênero, a segunda, atriz travesti, tecendo uma análise conteudista das obras, partindo do ponto de vista teórico do Jornalismo Literário.

O diferencial da minha tese em relação a esses e a outros trabalhos é que estou propondo um mergulho maior na trajetória da atriz, que é tomada como tema central, e é nisso que reside a sua originalidade. Fernanda Montenegro é considerada, há muito tempo, pelos diferentes discursos que a inventaram e continuam a construir, publicamente, sua imagem, uma das mais consagradas atrizes brasileiras. Muitos a intitulam como a “grande dama da dramaturgia brasileira”, ou, “a grande dama do teatro brasileiro”. Há, em torno da atriz, uma apologia constantemente mobilizada, de modo que sua figura e sua obra são comumente consideradas patrimônios artísticos brasileiros. Poderíamos falar que a atriz se configura como uma espécie de heroína nacional no campo das artes cênicas, que é veemente escolhida como representativa desse âmbito em se tratando do Brasil. Por isso, me interessa perceber o significado que a figura de Fernanda Montenegro adquiriu, ao longo do tempo, na memória e experiência das pessoas. Mas também como a própria mídia televisiva corroborou para a construção de Fernanda Montenegro como essa grande referência da dramaturgia brasileira. Assim, os muitos discursos e homenagens de fãs, mídia e crítica, que

trabalham na construção dessa “mulher-monumento”, não somente perpassam meu trabalho, como me auxiliam na construção do argumento. Entretanto, a especificidade da pesquisa está em voltar seu olhar para a compreensão de “Fernanda Montenegro por Fernanda Montenegro”.

Fernanda Montenegro não nasceu este grande ícone, aliás, a passagem de Arlete Pinheiro, seu nome de origem, à Fernanda Montenegro, seu nome artístico, é um dos aspectos importantes da pesquisa, cujo propósito é desvendar como uma atriz torna-se atriz por sua própria ótica, e o valor que ela atribui a si mesma e ao seu ofício. É um trabalho que levanta uma reflexão importante, que é a de que como abordou Lejeune (2008), escrever é poder, e que, se alguns personagens permanecem silenciados na história, não tendo sobre si nada escrito, outros escolhem tecer narrativas e escritas de si que podem e devem ser vistas como documentos-monumentos (LE GOFF, 2006). São personagens que não apenas conquistaram lugares de poder, mas que sabem constantemente deles se apropriar no objetivo de construir e demarcar seu lugar na história, sua identidade e singularidade. Por fim, meu objetivo não é criticar o lugar de prestígio ocupado pela atriz, tampouco endossar sua imagem que já é demasiadamente consagrada, mas partir do que ela é para compreender como ela se tornou. Ou seja, compreender os mecanismos e estratégias na construção de si da biografada em sua historicidade.

Considerações finais

Ao traçar um panorama acerca dos estudos biográficos que compõem uma parcela da historiografia brasileira nos últimos anos, este artigo buscou demonstrar que não somente ainda há uma incipiência de pesquisas históricas referentes às trajetórias artísticas, mas que a pouca quantidade de trabalhos sobre trajetórias de atores e atrizes revela uma certa lacuna historiográfica. A partir deste diagnóstico, comentei alguns dos trabalhos que se debruçaram em estudar essas trajetórias e apontei algumas possibilidades para estudos dessa natureza, especialmente em relação às fontes e aos problemas que podem ser abordados. Por fim, teci alguns comentários sobre minha tese de doutorado e as questões que têm norteado sua produção. Trata-se de um estudo em andamento que, ao lançar o olhar para a trajetória artística da atriz Fernanda Montenegro, tem buscado operar nesta lacuna como um exercício de história do tempo presente.

Ressalto que este artigo é o resultado de alguns movimentos que fiz durante o

primeiro ano de doutorado. Como todo texto, ele possui suas fragilidades, sobretudo por apresentar considerações parciais e por se referir a uma pesquisa que ainda não se deu por encerrada. Apesar disso, acredito que ele tenha dado conta de desenvolver o argumento ao debater a questão sobre a qual se propôs, mobilizando, para isso, uma ampla bibliografia. Meu intuito é que a reflexão realizada nestas páginas seja útil para outros colegas que se interessem em estudar objetos semelhantes, que possam trazer à tona outras trajetórias artísticas ampliando, assim, as possibilidades da biografia como escrita da História.

Para concluir, como aborda Benito Schmidt (2017), nem sempre é necessário dizer tudo em uma narrativa biográfica. Segundo o autor, o que o historiador precisa é saber elaborar e trabalhar com problemas de “relevância historiográfica” – e me parece que entender como uma figura célebre é construída, por ela mesma, pode ser uma dessas questões. Eu gostaria de terminar dizendo que em nenhum momento Fernanda Montenegro declarou ter um projeto autobiográfico. Esse é o tipo de problema e hipótese que um historiador formula, na medida em que se dispõe de fontes que as tornem viáveis e sustentáveis.

Referências:

ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. *Revista Aedos*, v. 3, n. 8, 2011.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. II, n. 21, p. 9-34, jan./jun. 1998.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2012.

AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso. Dois historiadores falam sobre biografia e escrita biográfica (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/biografia-e-escrita-biografica/>. Publicado em: 21 nov. 2017. Acesso: 24 set. 2023.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. *Entre lágrimas, sorrisos e muita luta: a inserção das mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das trajetórias de três militantes de esquerda – Lélia Abramo (1911 –2004), Luíza Erundina de Sousa (1934 –) e Irma*

Passoni (1943 –). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021a.

_____. Erigindo monumentos com palavras: a repercussão do falecimento de Lélia Abramo e sua influência na gestão de uma memória póstuma. *Anais do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia organização* Márcia Maria Menendes Motta. 1. ed. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021b.

_____. Palmas para Lélia Abramo (1911-2004): a construção de uma memória em três atos. *Revista Aedos*, v. 15, n. 33, 2023.

BATISTA, Natalia Cristina. História e memória: o golpe militar sob o olhar artístico-político de João das Neves. *História Oral*, v. 19, n. 2, p. p. 27–47, 2016.

_____. *Nos palcos da história: teatro, política e liberdade*. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

_____. *O tempo em processo: cultura na ditadura militar e os impasses em torno do popular na peça "O último carro" (1964-1978)*. 2019. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

_____. Uma trabalhadora pode ser atriz? Desafios metodológicos na análise da entrevista de Marina Euzébio, atriz da montagem “O último carro”... *In: Pandemia e Futuros Possíveis: Anais do XVI Encontro Nacional de História Oral*. Anais... Rio de Janeiro (RJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

_____. Por que uma trabalhadora não pode ser atriz: desafios metodológicos para a análise de uma entrevista sobre um momento de “felicidade perfeita”. *História Oral*, v. 26, n. 1, p. 109–127, 2023.

BORGES, Viviane. *A invenção de Arthur Bispo do Rosário: Loucura, Arte e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Letra & Voz, 2019.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In: AMADO, Janaina.; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.183-191.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRANDÃO, Tânia. *Máquina de repetir e a fábrica de estrelas: Teatro dos Sete*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

_____. Falas de camarim: história oral e história do teatro. *Sala Preta*, v. 17, n. 2, p. 72-83, 2017.

_____. O ator e o olhar: Eva Todor, gestus social, gestus histórico. *In: FONTANA, Siqueira Siqueira.; GUSMÃO, Henrique Buarque de (Orgs.). O palco e o tempo: estudos de história e historiografia do teatro*. Rio de Janeiro: Gamma, 2019. p. 229-252.

CABRAL, Geovani Gomes.; SCHMIDT, Benito Bisso.; DA SILVA, Wilton Carlos Lima.

Escritas Biográficas e Trajetórias: desafios no campo historiográfico. *Escritas do Tempo*, v. 2, n. 4, p. 3-6, 30 jun. 2020.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. *História Pública e divulgação de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

CARVALHO NETO, Pedro José de; SILVA, Matheus de Paula.; FERNANDES, Leticia Oliver. A História Pública que queremos: entrevista com Ricardo Santhiago. *Epígrafe*, v. 8, n. 8, p. 283-331, 2020.

CRUZ, Gleise Andrade. *De olho na eternidade: a construção do arquivo privado de Antônio Carlos Jobim*. Dissertação (Mestrado Profissionalizante) – Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2008.

DEL PRIORE, Mary. *Tarsila: uma vida doce-amarga*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2022.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018.

DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n. 1 p. 5-22, jan/jun. 2012.

EAKIN, Paul John. *Vivendo autobiograficamente: a construção de nossa identidade narrativa*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

FÉLIX, Rodrigo da Silva. *Dona Teresa Cristina e os rastros de memória: entre a invenção da Mulher-Monumento e a escrita de si*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

FONTANA, Fabiana Siqueira; CANTANHEDE, Caroline. Representação da memória das artes cênicas: relatos de uma experiência no Cedoc/Funarte. *Anais Abrace*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 2414-2429, 2016.

FONTANA, Fabiana Siqueira. O desejo de guardar e as tarefas de proteger e disponibilizar: notas para a consolidação do patrimônio documental do teatro no Brasil. *Revista Aspás*, v. 9, n. 1, p. 63-77, 2019.

FONTANA, Siqueira Siqueira.; GUSMÃO, Henrique Buarque de (Orgs). *O palco e o tempo: estudos de história e historiografia do teatro*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

FOSHESATTO, Cyanna Missaglia. Fragmentos da trajetória de um pintor na transição do século XIX para o século XX: Pedro Weingärtner e suas redes sociais. *MÉTIS: história & cultura*, v. 15, n. 30, p. 150-171, jul./dez. 2016.

GARCIA, Miliandre. “Ou vocês mudam ou acabam”: aspectos políticos da censura teatral (1964-1985). Rio de Janeiro, *Topoi*, v. II, n. 21, jul.-dez. 2010, p. 235-259.

_____. Censura, resistência e teatro na ditadura militar. Rio de Janeiro, *Concinnitas*, v. 19, n. 33, p. 144-177, 2018.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro.; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

GUENZBURGER, Gustavo. *Acendam as luzes, o mambembe voltou!*: de Artur Azevedo ao Teatro dos Sete, redenção e idealismo na invenção póstuma da belle époque teatral. Dissertação (Mestrado em Teoria e Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

_____. *Rio, cenas decisivas: teatro entre televisão, patrocínio e política*. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.

_____. Fernanda Montenegro em O mambembe: o quelque chose da diva moderna. *Sala Preta*, v. 15, n. 1, p. 135-155, 2015b.

HAGEMEYER, Rafael Rosa; SARAIVA, Daniel. *Esse mundo é meu: as artes de Sérgio Ricardo*. Curitiba: Appris, 2018.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LOPES, Caroline Cantanhede. *Guardar para todos a memória de muitos: projetos e políticas para a preservação da memória das artes cênicas no Brasil*. 2020. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

_____. Arquivos e coleções de mulheres no Cedoc/Funarte: um diagnóstico. *História e Cultura*, v. II, n. 1, p. 308-324, 2022.

MACNEIL, Heather. *Sem consentimento: a ética na divulgação de informações pessoais em arquivos públicos*. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

MAGALHÃES, Aline Monteiro. *Troféus da guerra perdida: um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2009.

NOIRET, Serge. História Pública Digital, *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. II, n. 1, p.

28-51, 2015.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Reflexões sobre o gênero biográfico: literatura, ilusão e disputas de memória. *In: GONÇALVES, Janice (Org.). História do Tempo Presente. Oralidade - memória - mídia.* Itajaí: Casa Aberta, 2016. p. 101-116.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. Plínio Marcos e João das Neves: caminhos cruzados, trajetórias, arte e engajamento no Brasil pós-1964. *In: AVELAR, Alexandre de Sá e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica.* São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 169-188.

PATRIOTA, Rosângela. *Vianinha – um dramaturgo no coração de seu tempo.* São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *História e Teatro: Discussões para o Tempo Presente.* São Paulo: Edições Verona, 2013. [ebook]

_____. *Antonio Fagundes no palco da História: um ator.* São Paulo: Perspectiva, 2018. 487p.

PEREIRA, Bruna Meyer. *O ator e os seus múltiplos: a trajetória de Antonio Mário dos Santos e o circuito cultural em Alagoinhas (1961-1987).* Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado da Bahia, 2022.

PONTES, Heloísa. Inventando nomes, ganhando fama: as atrizes do teatro brasileiro, 1940-68. *Etnográfica*, vol. 12, núm. 1, maio, 2008, p. 173-194.

_____. Teatro, gênero e sociedade (1940-1968). *Tempo Social. São Paulo, Revista de Sociologia da USP*, v. 22, n. 1, 2010.

_____. *Intérpretes da Metrópole: História Social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual.* São Paulo: EDUSP, 2011.

_____. Álbum de famílias: fotobiografia, memória e história no teatro brasileiro. Florianópolis, *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*, v. 21, n. 50, 2022.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.* Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RODRIGUES, Rogério Rosa; BORGES, Viviane Trindade (Org.). *História Pública E História Do Presente.* Letra e Voz, 2021.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe. A história, o presente, o contemporâneo.* Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SANTHIAGO, Ricardo. História oral e as artes: percursos, possibilidades e desafios. Rio de Janeiro, *História Oral*, v. 16, n. 1, p. 155-187, 2013.

_____. (Org.). *História oral e arte: narração e criatividade.* São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. “Ele foi meu muro”: Liberdade artística e liberdade narrativa em uma

metaentrevista pública. *Revista Memória em Rede*, v. 10, n. 18, p. 83-III, 2018a.

_____.; SALLES, Astrid. A autoconstrução narrativa de uma artista: uma conversa com Astrid Salles. Porto Alegre, *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, v. 23, n. 38, 2018b.

_____.; BORGES, Viviane. Entre redescobertas e emergências: história pública e escritas biográficas no tempo presente. In: RODRIGUES, Rogério Rosa [et al.] (Orgs.). *Fio que se faz trama: a história do tempo presente e a responsabilidade na pesquisa histórica*. Vitória, ES: Editora Milfontes, 2022. p. 83-II2.

SARAIVA, Daniel Lopes. “Cá entre nós”: trajetória e memória de Wanda Sá. Marabá, *Revista Escritas do Tempo* – v. 2, n. 4, mar-jun/2020 – p. 246-275.

_____.; DAHÁS, Nashla. História e memória das artes na ditadura: O testemunho de Carlos Gregório. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 77, p. 237–262, 2023.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias - historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 3-21, 1997.

_____. Biografia e regimes de historicidade. *MÉTIS: história & cultura* – v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

_____. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História (São Paulo)*, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan./jun. 2014.

_____. Contar vidas em uma época presentista: A polêmica sobre a autorização prévia. In: AVELAR, Alexandre de Sá. SCHMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018. p. 17-31.

SILVA, Júlio Cláudio da. *Relações raciais, gênero e memória: a trajetória de Ruth de Souza entre o Teatro Experimental do Negro e o Karamu House (1945-1952)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

_____. *Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza. (1945-1952)*. Manaus: Editora UEA, 2017.

_____. Interseccionalidade e lutas por direitos nas trajetórias das atrizes negras, Ruth de Souza, Léa Garcia e Zezé Motta, (1940-1960). Manaus, *Canoa do Tempo*, v. 14, p. 1-29, 2022.

_____. *Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: A Trajetória e o Protagonismo de Léa Garcia*. Editora UEA, Manaus, 2023.

SOARES, Fagno da Silva. Entre a história pública e a história digital: a oficina historiográfica de Bruno Leal e o Café História. Rio de Janeiro, *História Oral*, v. 21, n. 2, p. 159-176, 2019.

TEDESCO, Cristine. Uma análise das representações de Artemisia Gentileschi (1593-1654). Aracaju, *Revista Ambivalências*, v. 3, n. 6, p. 139-168.

VALENTINI, Daniel Martins. “Teatro de equipe ou alienação individual”: o Teatro Oficina como projeto coletivo (1961-1974). Rio de Janeiro, *História Oral*, v. 19, n. 2, p. 7-26, 2016.

VENTURINI, Mayara Brandão. *A escrita autobiográfica de Thomas Jefferson: um projeto de representações de si*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017.